

**PERCALÇOS COMPOSITIVOS EM “NOTAS DE OFICINA”, DE ALBERTO  
MARTINS**

**MISHAPS OF THE COMPOSITION IN “NOTAS DE OFICINA”, FROM  
ALBERTO MARTINS**

Fabiane Renata BORSATO<sup>23</sup>

RESUMO: À utopia de um presente forte modernista que edificaria um futuro grandioso, a literatura contemporânea registra riscos, tensões existenciais, violência moral e física, justaposições espaciais, ilusões referenciais. O artista contemporâneo, consciente da incerteza do futuro e da queda das utopias, empurra o presente e aceita supressões temporais. Para reflexão sobre o fato, selecionamos, da produção modernista e contemporânea, os poemas “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Notas de oficina”, de Alberto Martins. O estudo desses textos deve favorecer a compreensão do diálogo estabelecido entre os dois momentos. O elefante drummondiano, apesar da frágil condição de execução e da indiferença dos leitores, não desestabiliza o criador, que afirma: “Amanhã recomeço”. As “Notas de oficina” registradas pelo eu poético criado por Alberto Martins discutem o sofrimento do criador proveniente do processo criativo e indicam que o corpo do artesão sofre fisicamente as dificuldades do fazer artístico e despende mais tempo de descanso que de execução. A elipse temporal estende-se e impede a criação porque o erro é incompreensível e conseqüentemente não ajustado pelo eu poético. O artista contemporâneo revela a condição limite entre

---

<sup>23</sup> Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil – E-mail: [fabiane@fclar.unesp.br](mailto:fabiane@fclar.unesp.br)

o fazer discursivo e sua impossibilidade, entre a ignorância e a dor de saber que “alguma coisa está errada”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia brasileira moderna e contemporânea; Carlos Drummond de Andrade; Alberto Martins; Metalinguagem; Intertexto.

*ABSTRACT: After a strong and optimistic modernist present time that was believed to result in a future of grandeur, follows a contemporary literature showing cuts, existential tensions, physical and moral violence, blurred spaces and referential illusions. Being aware of the future's uncertainty and of the fall of utopias, the contemporary artist pushes forward the present time and accepts temporal suppressions. From the modernist and contemporary writings, we chose the poems “O Elefante (eng. “The Elephant”)", from Carlos Drummond de Andrade, and “Notas de oficina (eng. “Notes from the workplace”)", from Alberto Martins, in order to understand the dialogue between the two periods. Drummond de Andrade's elephant, fragile as it may seem from the production point of view and from the readers' unawareness, doesn't challenge the status of the artist, who says: “Tomorrow I'll start over”. The poem “Notas de oficina”, presented by the poetic self created by Alberto Martins, debates the artist's sufferings during the creative process and shows that this craftsman's body suffers physically during the artistic production and, therefore, spends more time resting than actually creating. The temporal ellipsis is extended and prevents the creation because the error cannot be acknowledged and consequently isn't emended by the poetic self. The contemporary artist presents the thin red line between the discursive production and its impossibility, between the ignorance and the suffering of knowing that “something is utterly wrong”.*

*KEYWORDS: Brazilian modern and contemporary poetry; Carlos Drummond de Andrade; Alberto Martins; Metalanguage; Intertext.*

No século XIX, ocorrem significativas rupturas social, econômica e política, desencadeadoras de uma complexa estrutura social, de estilo capitalista e burguês que, no campo das artes, desenvolve a consciência da contradição e da cisão do homem no mundo. O artista e a produção literária da modernidade voltam-se para a construção da tradição da ruptura mediante a revelação da ironia que, conforme Octavio Paz (1981, p.111), é “*hija del tiempo lineal, sucesivo e irrepetible [...] la herida por la que se desangra la analogía [...] la ironía no es una palabra ni un discurso, sino el reverso de la palabra, la no-comunicación.*”

Consciência e reflexão fundamentam a utopia da modernidade baseada na construção de um código novo e forte capaz de lirismo e participação social. Contra a ironia, a poesia moderna “[...] propõe a recuperação do sentido comunitário perdido [...], lirismo de confissão [...] [e a] crítica direta ou velada da desordem estabelecida [...]” (BOSI, 2000, p.167).

Lirismo e reflexão são traços de um *modus faciendi* poético baseado na metalinguagem e na analogia, princípios poéticos que unidos à necessidade de comunicação formam a essência da poesia, conforme palavras de Adorno (2003, p. 74):

O auto-esquecimento do sujeito, que se põe ao dispor da linguagem como de algo objetivo, e o que há de imediato e involuntário em sua expressão são o mesmo: assim a linguagem estabelece a mediação entre lírica e sociedade no que há de mais intrínseco. [...] a lírica se mostra mais profundamente garantida socialmente ali onde [...] o sujeito acerta com a expressão feliz, chega ao pé de igualdade com a própria linguagem [...]

A condição analógica de sujeito e linguagem é essencial ao projeto estético moderno. Por outro lado, o poeta apresenta plena consciência de sua historicidade. Este

paradoxo opera por desdobramento da linguagem em metalinguagem, colocando a própria poesia no divã, evidenciando que entre lirismos de confissão e auto-reflexão estão as múltiplas faces de uma poesia que precisa reinventar a tradição e revolucionar a arte em prol de um projeto ético e estético forte, em que a linguagem, erigida desde a raiz, na origem cultural da língua, busca conciliação de contrários e comunhão das duas faces: a comunicação e a composição.

A análise da literatura brasileira contemporânea sob o prisma de um sistema literário que, segundo Antonio Candido (1971), inicia sua formação no Romantismo, leva-nos à compreensão de heranças e revisões. A descrição sintética das conquistas do Modernismo brasileiro aponta para a consolidação do sistema literário e revela ao menos duas linhas de tradição da literatura brasileira, a elíptica e a reiterativa. Experimentalismos, manifestos, implosões de gêneros e construções de projetos utópicos serão marcas das vanguardas e do Modernismo herdadas e ressignificadas na produção das últimas décadas do século XX e princípio do XXI.

A face elíptica de nossa literatura faz-se presente por meio de poemas-pílulas, poesia substantiva, ironia reflexiva, eliminação de excessos retóricos, supressão e economia verbal, traços elementares às poéticas de Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

O traço reiterativo revela, além das obsessões temáticas e formais, repetições rítmico-expressivas coerentes com a necessidade de reflexão constante sobre arte e sociedade.

Elipse e reiteração são traços potencializados pela poética do Modernismo, sob o viés de predominâncias e tensões da linguagem literária. A reiteração na poesia brasileira contemporânea aparecerá como indício da permanência das vozes que compuseram a nova tradição moderna.

A leitura analítica do texto poético “Notas de oficina”, de Alberto Martins, em sua relação e retomada dinâmica do texto “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade, deve mostrar permanências e reiterações da ordem da resistência da poesia e da especulação sobre e na linguagem. Por outro lado, ainda que o elefante drummondiano pareça um esboço frágil, o poema descreve sua caminhada diária, sua capacidade estética e carência de espectador-leitor. “Notas de oficina” confidenciam o estado físico doloroso do artista e sua fragilidade humana. Para além do tratamento da

linguagem e do fazer, os versos de Martins problematizam a humanidade do artista em sua frágil condição de ser no mundo para a morte. A análise proposta deve tornar manifesta a questão.

### **Notas de oficina: o difícil ofício do poeta**

“Notas de oficina”, poema de Alberto Martins, foi publicado por primeira vez na *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*, organizada por Manuel da Costa Pinto em 2006:

“Notas de oficina”

1.

até mesmo a madeira mais dura  
entrega sua alma

como paina

quando se usa  
o instrumento adequado

não é esse o nosso caso

nem se parece com serragem  
isso que sai de nosso corpo  
quando cortado

2.

sinto que o ombro dói  
e os nervos do antebraço  
parecem cada vez mais inflamados

talvez eu não esteja  
empunhando as ferramentas  
da maneira adequada

agora cada vez mais  
 tem sido assim:  
 para uma boa sessão de trabalho  
 vários dias parados

alguma coisa está errada  
 preciso começar tudo de novo

(MARTINS apud PINTO, 2006, p. 260-261).

Formalmente, o poema divide-se em 2 partes numeradas. Cada parte se subdivide em outras duas quando as analisamos semanticamente, devido aos desdobramentos lógico-argumentativos. Na parte 1, encontram-se a tese e a antítese. Na parte 2, há hipóteses explicativas da antítese presente na parte 1, seguidas da síntese e da evidência cartesiana.

A tese presente nos versos 1 a 5 da parte 1 apresenta o objeto sob o qual a ação incide e o instrumental para exercício da ação. O privilégio é dado ao adequado instrumento, capaz de favorecer o trabalho em situações-limites e moldar o objeto mais resistente. A sintaxe entrecortada desses versos insinua comparação entre sujeitos e ofício, expressa no advérbio **até** (verso 1) que, grafado em minúscula, denota a condição de anotação do texto, de esboço inicial com seu traço de eventualidade e também a comparação com outra situação não mencionada, mas subentendida: a madeira mais dura se entrega mediante uso adequado do instrumental de trabalho. Há materiais que se entregam por natureza propícia a isso, mas há aqueles que resistem, arriscamos dizer que se trata da palavra poética, moldável somente por justo instrumento.

Os versos 6 a 9 apresentam a antítese, lugar em que um enunciador plural (**nosso caso**) torna o sujeito ambíguo. A primeira pessoa do plural, no texto de Martins, pode metaforizar artistas, dentre eles a voz enunciativa de “Notas de oficina”, mas não exclui a possibilidade de uma circunscrição da informação ao sairmos da sintaxe e passarmos para as relações intertextuais e afirmar que o sujeito plural pode desdobrar-se em outros eus poéticos, como o drummondiano. Conforme anunciamos acima, o poema “Notas de oficina” dialoga com o texto antológico de Carlos Drummond de Andrade, “O Elefante”, publicado em *A rosa do povo* (1945). O intertexto pode ser apreendido nos

versos iniciais do poema de Drummond, citados a seguir: “Fabrico um elefante/ de meus poucos recursos./ Um tanto de madeira/ tirado a velhos móveis/ talvez lhe dê apoio./ E o encho de algodão,/ de paina, de doçura./ [...]” (ANDRADE, 1983, p.162).

Madeira e paina são signos retomados por Alberto Martins. A madeira não serve de enchimento ao desejado elefante-poesia, mas é tratada como material propício a incisões xilográficas. Paina é metáfora da alma da madeira, portanto, em “Notas de oficina”, não serve de enchimento para o “elefante”, porque é elemento relativo à natureza moldável da madeira.

Enquanto a madeira libera de seu corpo serragem, o corpo do artista, sob incisão similar, revela conteúdo diverso, sugerido e não evidenciado. Convém ressaltar que, de modo elíptico, encontramos o enunciador de “O elefante” disfarçado na matéria de ofício, ou seja, no corpo do poema-elefante. Drummond menciona o disfarce nos versos finais do texto: “[...] Ele não encontrou/ o de que carecia,/ o de que carecemos,/ eu e meu elefante,/ em que amo disfarçar-me./ [...]” (ANDRADE, 1983, p.164).

Alberto Martins, em lugar de projetar o eu poético na criação, lida com o corpo do artesão-poeta e talvez isso se justifique pelo gênero de discurso escolhido. As notas-poema apresentam os bastidores da criação e, ao se tratar de exercício metalinguístico, refletem e explicam, sob a aparência de texto menor, os percalços criativos do fazer artístico.

Enquanto o elefante drummondiano é fabricado e apresentado a um público impassível, as “Notas de oficina” concentram-se no corpo do artista, sendo as duas primeiras estrofes da parte 2 eleitas para relatar seu sofrimento físico e a ausência da criação. Também o elefante-poema e o enunciador drummondianos sofrem a dor de ser ignorados, conforme fragmento abaixo: “[...] E já tarde da noite/ volta meu elefante,/ mas volta fatigado,/ as patas vacilantes/ se desmancham no pó./ [...]” (ANDRADE, 1983, p.164).

Em “Notas de oficina”, a dor resulta da inflamação do corpo do artista, corpo não metaforizado em elefante, mas explicitamente presente em **ombro, nervo do antebraço** e ação de empunhar ferramentas. O sofrimento não se apresenta por via oblíqua, mas clara e objetivamente, como devem ser as notas de ofício.

A descrição dos bastidores da criação gera um texto poético altamente dissertativo. Na estrofe 6, tese, antítese e argumentações explicativas recebem o

acréscimo da síntese. Nela, há marcas da dialética hegeliana na fusão de tese e antítese em uma proposição nova, conservando o fazer (criar) da tese e o não fazer (não criação) da antítese: “agora cada vez mais/ tem sido assim:/ para uma boa sessão de trabalho/ vários dias parados”. (MARTINS apud PINTO, 2006, p. 261).

A última estrofe, por sua vez, mostra-se cartesiana, pois parte da evidência imediata de alguns elementos (constatação da dor da criação e da inabilidade do criador) e anuncia a atitude necessária para revisão da situação: “alguma coisa está errada/ preciso começar tudo de novo” (MARTINS apud PINTO, 2006, p. 261). O *cogito* apresentado pelo eu poético desvela a certeza do erro e a necessidade de revisão.

O incansável enunciador drummondiano não vacila em afirmar de modo sintético e poético que “Amanhã recomeço”; o enunciador de Martins o faz em cadência prosaica, não só por se tratar do gênero textual nota, mas por tratar de momento anterior à criação, ou melhor, de momento não criativo, dos “vários dias parados” necessários à recuperação do artista fatigado: “alguma coisa está errada/ preciso começar tudo de novo” (MARTINS apud PINTO, 2006, p. 261). Portanto, enquanto “O elefante” lida com o fazer poético e a divulgação do fazer entre um público nada suscetível; “Notas de oficina” descreve momentos anti-criativos, a elipse temporal estendida entre dois momentos criativos. Entre a permanência do objeto madeira dura-poesia e a historicidade do sujeito que sofre, “Notas de oficina” focaliza o drama da história humana, da descontinuidade tanto da criação, quanto do sujeito: “vários dias parados”. A contingência do erro é dramática, apesar da contenção subjetiva dos eus poéticos de Martins. Sua poesia exige objetividade enunciativa, precisão e concisão vocabulares, antilirismos, o que não ameniza o drama da inércia física do enunciador e a apresentação da arte como resultado de exercício corporal, do embate entre matéria e sujeito, em que “[...] a superfície bruta se funde com a matéria espessa da percepção, da memória e da imaginação.” (PINTO, 2006, p.263). A crítica à poética de Martins ainda afirma que “Isso acaba por conferir à poesia de Alberto Martins um sentido de anticlímax, de rebaixamento da vivência ao plano das coisas elementares [...]” (PINTO, 2006, p.263); entretanto, quando lemos “Notas de oficina” em relação com “O elefante”, o clímax ressurgue na diferente condição dos enunciadores. Os poucos recursos com que o poeta executa o elefante não impedem a criação e a recriação mítica. O enunciador de Martins, por outro lado, instaura-se no aqui/agora da situação, possui

ferramentas para criar, mas não está seguro de que as maneja com adequação ou de que está fisicamente saudável para criar. Como consequência, apresenta cortes e evidente inflamação de nervos, situação conotativa da desproporcional excitação física e tensão interior. Os sintomas não escondem a causa e a dor da descontinuidade.

O fluxo natural do *cronus* devorador coloca o enunciador em contato com sua humanidade efêmera. A censura que, segundo Sússekind (2004), torna-se muitas vezes álibi inconsistente e personagem criada pelos literatos para a construção de uma literatura do espetáculo, aqui reaparece em sua dimensão contingente, na inexorável descontinuidade da existência. O enunciador sofre duplamente, pela dor física advinda da ação e pela impossibilidade de continuidade e estabilidade rítmica do processo de composição da linguagem. Entre oclusivas nasais e orais, apreendemos formalmente que o recurso à aliteração reitera obstruções, fechamentos e o caráter irresoluto da situação.

A liberdade métrica dos versos de Martins não esconde o paralelismo de dois decassílabos heróicos que encerram as estrofes 4 e 7, sugestivos do estado do eu poético cindido entre o dramático e o épico: “parecem cada vez mais inflamados” (verso 12); “preciso começar tudo de novo” (verso 21). (MARTINS apud PINTO, 2006, p. 261).

O enunciador, aparentemente, reitera o tema do fazer artístico, amplamente tratado por poetas da tradição da modernidade; entretanto uma leitura mais rigorosa constata que o poema trata de problemas relativos ao não fazer artístico. A estrofe 6 revela o paradoxo “para **uma** boa sessão de trabalho/ **vários** dias parados” (grifo nosso). O pronome **vários** indica pluralidade, mas não totalidade, e quando contraposto ao artigo **uma** ressalta o descompasso quantitativo.

A elipse criativa passa da história ao discurso poético e preenche as 5 últimas estrofes do poema. A preocupação do enunciador com o tempo extenso da não criação alcança teor dramático diante da incompreensão das causas da extensão de momento incriável. A parte 2 do poema concretiza a instabilidade da situação na seleção lexical, como é possível notar nos versos “sinto que o ombro dói/ e os nervos do antebraço/ **parecem** cada vez mais inflamados” (grifo nosso). O verbo **parecer** implica incerteza e possível falsidade. O verso “talvez eu não esteja” abre-se com o advérbio que indica possibilidade, mas não certeza. Os dois primeiros versos da estrofe 6, “agora **cada vez mais/** tem sido assim:”(grifo nosso) insinuam a extensão reiterativa do problema;

enquanto a última estrofe apresenta a certeza do erro e a indefinição da causa: “alguma coisa está errada/ preciso começar tudo de novo”. A expressão **alguma coisa** compõe-se de pronome indefinido em referência ao substantivo **coisa**, este último de acepção ampla e tão generalizada que nele recai traço de indeterminação. Esta é a posição dilemática do enunciador de “Notas de oficina”, espaço de ação, inação e, sobretudo, de reflexão sobre o ofício da poesia.

### Considerações finais

Retomando aspectos da análise e ressaltando o intertexto com o poema de Drummond, vemos que o verso final dos dois poemas é de fundamental importância para a compreensão dos valores textuais modernistas e contemporâneos.

O verso derradeiro de “O elefante”, “Amanhã recomeço.” (ANDRADE, 1983, p.165), torna preciso o tempo de retomada da ação ao preferir a isenção de ambiguidades do advérbio **amanhã**. Há o anúncio de descontinuidade da ação para recomposição do elefante ávido de nova caminhada. O emprego do tempo presente em lugar do futuro empresta certeza à ação e proximidade da execução. Sintaticamente, o sujeito do verso final se oculta para dar privilégio à ação e ao momento de sua execução.

A estrofe final do poema de Alberto Martins anuncia matizes temporais e aspectuais do desenvolvimento da ação. Nela estão presentes a carência e o propósito de executar a ação em tempo futuro: “Preciso começar” (MARTINS apud PINTO, 2006, p.261). A forma nominal infinitiva denota processo verbal potencial, não realizado. O aspecto descontínuo da ação explicita a necessidade da incoação. Trata-se de tempo presente habitual e frequente, de um fazer modalizado por imprecisão e indefinição, pois o descanso é necessariamente maior que o tempo de trabalho. O eu fatigado anuncia sua contingência e humanidade dolorosa frente à presença forte do mundo da permanência inorgânica (madeira, serragem). A madeira e o produto dela extraído, “xilopoema”, não estão fadados à historicidade humana e à descontinuidade, mas formam um lugar de comunhão verbal e visual, espaço de instauração da poesia.

Enquanto o enunciador de “O elefante” compreende sua tristeza mais essencial e universal e, em decorrência disso, anuncia, no verso final, que é preciso resistir, o enunciador de Martins luta com a matéria de seu fazer artístico. Matéria e instrumentos

propícios não amenizam a dor do artista que se revela inábil para o manejo do instrumental. Restam poucas certezas para ele: a sensação dolorosa, o erro, a descontinuidade e a imprescindível continuidade.

A dor da falta de espectador desmonta o mito elefante, mas não o priva da recomposição e da analogia mítica: “[...] A cola se dissolve/ e todo seu conteúdo/ de perdão, de carícia,/ de pluma, de algodão,/ jorra sobre o tapete,/ qual mito desmontado./ Amanhã recomeço.” (ANDRADE, 1983, p.164-165).

Em “Notas de oficina”, a dor resultante da “luta corporal” com a matéria artística é tão evidente e latente que instaura o drama da condição humana do enunciador, de sua finitude e descontinuidade. Essa evidência não se resolve nos versos do poema. A dúvida permanece. O enunciador sabe que ocupa espaço intersticial. Sua contingência dramática o desloca do espaço da criação e das analogias míticas da poesia para o espaço da esterilidade criativa e da historicidade humana.

O poeta moderno, em sua poesia altamente crítica, reflete sobre os percalços de seu ofício, mas seu projeto estético forte limita as concessões à finitude. Resistir e persistir são naturais ao sujeito elefante.

A poesia contemporânea, segundo o crítico Nunes (1991), tem por marca a resistência, construída por meio do lúdico e da reflexão. O jogo da, para e pela linguagem é meio de reflexão sobre a nossa irreversível historicidade. O poeta desacredita as utopias e adquire consciência da ilusão e da necessidade de resistir. Corroído pela ironia moderna (PAZ, 1981) e pela perda da inocência, sabe que a comunhão e reintegração de eu e linguagem são ilusórias. Por isso, textualiza momentos não poéticos, de impossibilidade analógica, em que as dores impedem qualquer concepção simpática e instauram a certeza da descontinuidade humana.

Resta, entretanto, tal qual nos modernos, o desejo e a expectativa de encontro das correspondências, “Ânsia de ser em outra coisa, ser outra coisa. A poesia do poema pode, analogicamente, evocar e reconstruir existências. As imagens do poema são a irrupção de outra coisa, de ser outro.” (CORTÁZAR, 2004, p. 380). O enunciador de “Notas de oficina” textualiza a ironia de quem se encontra no limiar entre o discurso e sua impossibilidade. Começar tudo de novo é a lei da resistência. A suspensão da práxis poetizada em “Notas de oficina” precisa ser passageira e aparente para o reencontro do poético e da efêmera sensação analógica. Segundo BOSI (2000, p.227), “[...]”

aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar.”

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Palestra sobre lírica e sociedade. In:\_\_\_\_\_. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003. p. 65-90.
- ANDRADE, C. D. de. O elefante. In:\_\_\_\_\_. **Nova reunião**: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL (MEC), 1983. p. 162-165.
- BOSI, A. **Poesia e resistência**. In:\_\_\_\_\_. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.163-227.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1971 (2 v.).
- CORTÁZAR, J. Para una poética. In:\_\_\_\_\_. **Obra crítica 2**. Buenos Aires: Suma de Letras, 2004. p. 361-390.
- HEGEL, G. W. F. **Textos dialéticos**. Tradução Djacir Menezes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1969.
- MARTINS, A. Notas de oficina. In: PINTO, M. da C. (Org.). **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 260-261.
- NUNES, B. A recente poesia brasileira: expressão e forma. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n.31, p.171-183, out. 1991.
- PAZ, O. **Los hijos del limo**. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- PINTO, M. da C. (Org.). **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006.
- SÜSSEKIND, F. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários e retratos. 2.ed., rev. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Artigo recebido em 10/04/2010.

Aceito para publicação em 01/06/2010.